

Sulamita.

7

הסתדרות נוער ציוני סוציאליסטי "דרור"

ORGANIZAÇÃO JUVENIL SIONISTA "DROR"



דרורנו



SNIF-RIO

BOLETIM N.º 2

MAIO DE 1948

ANO I



UM ASPECTO DA NOSSO MOSHAVA

A NOSSA MOSHAVÁ

Ua moshavá de um movimento sionista organizado, quando realizada no fim do ano, representa geralmente o resultado direto do trabalho feito neste ano, servindo principalmente para a melhor integração dos seus elementos nos quadros das suas kvutzot, e, em escala superior — na ordem de idéias e num modo de ser da organização.

Ora, partindo desta premícia, é forçoso reconhecermos que a nossa primeira moshavá, realizada no mês de janeiro, em Petrópolis, estava um tanto aquém destas condições, visto terem participado da mesma alguns chaverim recentemente ingressados no Dror, como outros tantos simples simpatizantes. Encarando, porém, objetivamente a situação, podemos encontrar a explicação no próprio fato de ser todo o Dror do Rio de constituição recente. Nisto está a própria força do seu dinâmico desenvolvimento que veio imprimir tal ritmo e rumo às coisas. Assim, assistimos pois ao rápido desenvolvimento nosso, tanto aqui como em Niterói, atendendo este processo a uma necessidade histórica, como diria Borochof. Enfrentamos o futuro com uma boa dose de confiança, visto que, se a nossa moshavá teve falhas, e quase todas de ordem técnica, em compensação os resultados alcançados — quer na melhor cristalização das kvutzot, quer no mais franco e íntimo conhecimento, como no espírito de colaboração entre os chaverim das diversas regiões do país, — por si só estes fatores bastariam para justificar o nosso magno empreendimento. Entretanto, deu-se algo mais importante, mesmo se deixássemos de lado as considerações sobre o imenso trabalho de abastecimento, do esforço pedagógico desenvolvido pelos menahelim, — e este algo bem valioso consiste na grande revelação que o Dror fez a si mesmo; na revelação da sua própria força e capacidade de realização; na revelação de uma energia criadora que jaz quase intacta no seio da nossa juventude, desabrochando como por encanto ao primeiro contacto com um ideal, que a chame à vida e lhe guie os passos.

Vimos como jovens droristas, conscientes de si e do que buscavam, quando mobilizados para tarefas de responsabilidade, encontraram em si a inteligência e as forças necessárias para a sua consecução. Embora inexperientes, embora resolvendo os problemas técnicos empiricamente, de dia para dia melhorávamos o funcionamento do aparelho organizacional da moshavá, superávamos as dificuldades materiais, conseguíamos uma distribuição melhor das tarefas, dando assim base ao fiel cumprimento dos programas culturais e recreativos pré-estabelecidos.

Passaram-se alguns dias, até solucionarmos satisfatoriamente o problema dos dormitórios, pois o número de 106 chaverim ultrapassava os nossos cálculos anteriores. Tivemos de armar algumas barracas, construir estrados superpostos para mais leitos, preparar as instalações da cozinha, construir o refeitório, ampliar o abastecimento de água, e muitos outros serviços. Contudo, não esmorecemos. Tanto nos preparativos como durante a moshavá, à medida que os trabalhos se desenvolviam, as nossas forças e aptidões cresciam, multiplicando-se tanto em quantidade como em intensidade.

Apareceram técnicos, enfermeiros, sapadores, mestres de culinária, e em primeiro plano a espinha dorsal do Machné — os menahelim. Os elementos adultos revelaram-se, felizmente, donos de uma boa cultura e de apreciáveis conhecimentos pedagógicos, como era o caso dos chaverim de São Paulo, Santos, Belo Horizonte, formando conjuntamente com os nossos próprios menahelim do Rio uma boa equipe de dirigentes capazes e esclarecidos.

Com o decorrer dos dias, mais ajustados se entrosavam e se completavam os nossos diversos setores de trabalho, e os chanichim, desde Bonim até Avodá, tiveram as suas shchavot (camadas) e kvutzot anunciando com regularidade e eficiência. A festa de Chamishá Assar Bishvat, e o côro que conseguimos formar merecem um capítulo à parte. O que queremos frisar, entretanto, é que vimos a confirmação de uma verdade científica: com o exercício constante das suas funções, crescem e se aprimoram os devidos órgãos...

A moshavá mostrou-nos quantas forças latentes vivem em nós, juvenis, sadias e que aguardam oportunidade para o desenvolvimento.

Droristas, marchemos otimistas para frente, para as novas atividades do ano, para a luta pela libertação do homem e do povo judeus. Tenhamos fé em nossas forças e em nosso ideal — pois tudo depende só de nós, de nós mesmos.

LEVANTE DO GHETO

Por JOHAN PARNES

È meia-noite. Projetores varrendo a escuridão iluminam, no telhado de uma casa, um jovem que sustenta uma bandeira azul e branca. Depois o telhado vazio. A última bandeira tombou, envolvendo o último combatente.

Assim terminou um dos episódios mais espantosos da história contemporânea. Assim terminou a batalha do gheto de Varsóvia.

Quarenta e dois dias de luta, quarenta e dois dias de heroísmo; David enfrentando Golias.

O levante do gheto de Varsóvia foi um episódio único na história do mundo. Jamais se viu tal sucessão de atos de heroísmo. E' verdade que os atos de bravura são incontáveis, através dos tempos. Mas não como no gheto, não como nesta luta sem esperanças: quarenta mil homens, mulheres e crianças lutando para morrer. Muitos casos de luta desesperada conhecemos, mas sempre motivados pelo desejo de viver, pela esperança de vencer o destino e fugir à morte. Mas este não é o caso dos judeus de Varsóvia; eles lutaram para morrer, mas para morrer com dignidade. A batalha do gheto de Varsóvia foi, antes de mais nada, um grande grito de revoltas, o grito de revolta de um povo, o grito sufocado durante dois mil anos. Foi a expressão de mágoa e de dor, lançada à face do mundo.

Esta é que é a grande verdade. Os judeus de Varsóvia tinham uma finalidade para sua luta, um fim que justificava todos os sacrifícios: despertar a consciência da humanidade!

Como é profundo o sono desta consciência que ficou indiferente a tão grande brado! E' isso que nos magoa o coração, quando pensamos no levante do gheto: terá sido inútil o sacrificio de tantos e tantos irmãos? Terão eles caído em vão?

Olhando para a atitude dos povos, quer naquela ocasião, quer agora, já passados cinco anos, parece que a resposta é afirmativa.

Mas não! Não foi em vão a sua luta e a sua morte! Se não despertaram a humanidade, alcançaram, entretanto, outro objetivo: incutiram a todo o povo judeu uma determinação que parece inquebrantável — ir até o fim. E iremos! Eles, os heróis do gheto, mostraram o que pode um povo espeznhado. Eles abriram o caminho pelo qual nós seguiremos resolutos. Não seremos mais pisados, não aceitaremos mais ultrajes. Desta vez iremos até o fim, na luta pelo nosso ideal sionista. Nada mais nos intimidará. Temos uma tarefa a cumprir, e cumpri-la é o dever que eles nos impuseram, é o único meio de resgatar a dívida que temos para com eles.

Não permitiremos que se extinga o espírito que animou os bravos do gheto, não permitiremos que o seu sacrificio tenha sido em vão!

Cinco anos se passaram e a dor ainda está viva em nossa carne. Cinco anos. Centenas de anos hão de passar e o levante do gheto será sempre lembrado. E' um acontecimento do nosso povo que se ligou à Pessach e está definitivamente incorporado ao calendário judaico. E como é notável e simbólico o fato de o levante ter começado exatamente no dia de Erev-Pessach! Exatamente no dia em que se comemora a libertação da escuridão no Egito, iniciaram eles a luta pela libertação do povo judaico do galuth. Cabe a nós continuá-la e levá-la avante.

O "Hamadrich" trilha um caminho errado

A. M. BAUNWOL
KVUTZA PALMACH
SHICHVA NOAR

É deveras lamentável, e profundamente constrangedor, que eu tenha críticas a fazer, ou melhor, insinuações a rebater, impellido pelo grande desagrado que experimentei após a leitura do 2º número do «Hamadrich» (órgão do Ken Rio do Hashomer Hatzair).

O «Hamadrich», ao invés de procurar expor ao Yshuv seu programa, sua ideologia e seus métodos, procura, através da nova doença — a «mapaifobia», propagada pelos «alguemeinc», com os srs. Frish e Neuman à frente — esconder o vazio de seus pensamentos. É mesmo triste ver, através de suas colunas, como em cada página, por qualquer pretêxto, atacam o partido majoritário em Eretz, ignorando inclusive algo que se chama «ética jornalística». Quem depara com o «Hamadrich» julga ser um boletim criado para combater o Mapai, e não para propagar as idéias do Hashomer, o que é lastimável.

Vejam, por exemplo, um artigo de Yehuda Dartnezki, a quem não conheço, sobre a Histadrut: após entrar em uma série de considerações sobre o trabalho já realizado e ainda por realizar da Histadrut, o articulista não esquece o seu primitivo intento e chega à conclusão de que o Mapai faz demasiadas concessões à burguesia...

Termina o artigo dizendo (pasmem, senhores!): «Não há e não pode haver democracia na Histadrut quando 58% dos recursos econômicos estão nas mãos do partido majoritário».

Isto escreve alguém do Hashomer, e não um revisionista fanático. Se ditas estas palavras por um revisionista seria compreensível...

A orientação do Mapai tem sido sempre em benefício do proletariado artzishraelita. Nota-se no seguinte:

Na Moatzat Hapoalim, o Mapai por uma simples maioria poderia fazer passar qualquer resolução. Levando em conta, porém, o interesse da classe trabalhadora, pediu o Mapai que todas as resoluções fossem tomadas por unanimidade. Na concepção dos membros do Hashomer, atrofiados pelo dogmático «coletivismo ideológico», não será isso democracia?

Após a leitura do «Hamadrich» só podemos dizer com o ditado popular: «Essa é fina!»

Senhores do «Hamadrich»; voltem a trilhar o caminho da verdade, para que não enveredem pelo obscuro caminho da demagogia, como o fizeram seus colegas da paradoxal Tnuá Lemaan Achdut Avodá.

Os jovens judeus não devem faltar com a sua contribuição para a redenção do sólo de

ERETZ ISRAEL

É este o objetivo do
Keren Kaiemet Leisrael

À ERA DO NEGUEV



Quando o historiador do futuro procurar denominar a época que atualmente vivemos em Eretz Israel, não haverá nome mais adequado que «Era do Neguev». Assim como antes da 1ª guerra mundial criavam-se contos em torno da penetração chalutziana nas colinas da Galiléia, também hoje escrevem-se contos e cantam-se canções sobre o deserto do Neguev. Quando naquela manhã de Outono — nos dias de situação política mais perigosa, dos atos terroristas dos estouros das bombas e das cercas de arame farmado, — foi divulgado em todo o país que o mapa de Eretz Israel fôra acrescentado com mais 12 novas colônias, sen-

tiram todos que uma nova era começava. O Yshuv sentiu-se repentinamente com mais ânimo, com renovada fé em suas forças. E' fato, porém, que os novos pontos do Neguev eram pequenos: três galpões rodeados com arame farpado, um tanque para água e alguns pontos de defesa, com sacos de areia em volta. Porém, para todos, amigos e inimigos, ficou claro que o Neguev continuará sempre em nosso poder.

GENESIS

Aparentava ser uma operação de um só dia; porém, na realidade, era resultado de um trabalho árduo e meti-

culoso, que foi elaborado durante vários anos, com perseverança e empenho, e em luta com tremendas dificuldades. A zona desértica do Neguev ocupa a metade de toda a área de Eretz Israel do lado do Jordão: 13.000km² e é habitada por uns 60.000 beduidos, nômades e fomeados, com os seus rebanhos; em anos de seca, emigram até o norte, para encontrar pasto para os seus rebanhos; ao contrário é a parte setentrional do país, que está povoada por 1.800.000 almas. O Neguev, por conseguinte, é para nós uma extensão de terra na qual podemos demonstrar a capacidade judaica de conquistar o deserto, revivendo-o, até que permita o estabelecimento de uma grande população judia. Sabe-se que em tempos remotos existiu ali uma florescente civilização. Agora, ainda encontramos ruínas de grandes cidades judias. Porém, como é possível o estabelecimento hoje do Neguev e como cultivar as suas terras?

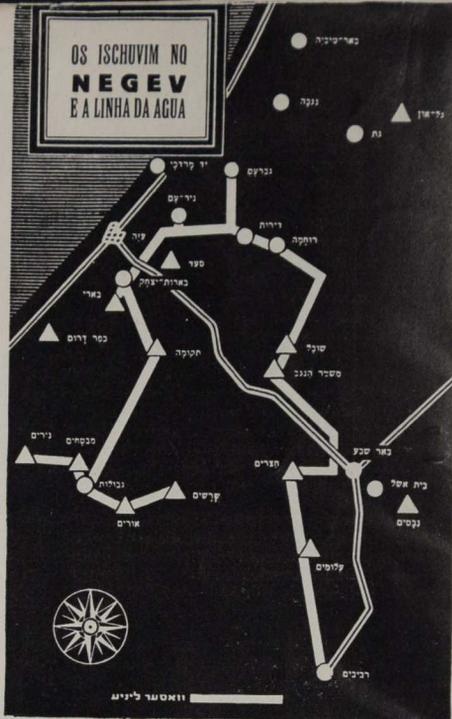
Novos tempos chegaram. Começou-se a falar sobre a partilha do país, e ficou claro que havia a ameaça de um grande perigo: o Neguev seria excluído do território judeu. Em vésperas da grande guerra, o Keren Kaiemet Leisrael tentou os meios necessários para realizar uma política de fatos consumados no Neguev. Entretanto, enquanto negociações eram entabuladas com os proprietários das terras, foi publicado o «Livro Branco» e a legislação agrária, que proibiram a aquisição de terras na maior parte de Eretz Israel,

Nesse tempo precisamente, iniciou-se o capítulo das compras de terra no Neguev; ainda não chegou o momento de relatar todos os detalhes daqueles esforços que tornaram possível a criação das diversas reservas de terra que estão disseminadas por todo o Neguev, do este ao oeste, aproximadamente até o deserto do Sinai, por onde os judeus antigamente erraram durante quarenta anos.

Dias de esperança e desespero transcorreram; negociava-se com sheiks-beduidos chegados do deserto e com pastores que adquiriram direitos «de fato» sobre terras, por té-las utilizado continuamente para o pasto de seus rebanhos; com grandes esforços foi acumulada a reserva de terras no Neguev: cerca de 100.000 dunams.

AS AVANÇADAS

Porém o problema ainda continuava; como é que nos estabeleceremos nesta



zona? As condições da terra, do clima e da água eram desconhecidas. Foi então que o Keren Kaiemet em conjunto com o Keren Hayessod criaram postos avançados no Neguev: pequenos pontos de observação, com reduzidos grupos de trabalhadores, encarregados de investigar as condições do Neguev. Em três lugares distintos daquela imensa extensão — junto à costa do mar, perto de Beer Sheva e no extremo sul, não longe da fronteira austral de Eretz Israel em Asludz — fundaram-se três postos avançados: «Gvulot», «Beit Eshel» e «Revivim». Em cada um deles construiu-se um edifício de pedras ou de cimento em forma de uma pequena cidadela, com um muro ao redor, para proteger os moradores, que deviam viver isolados no coração do deserto.

Os jovens iniciaram o trabalho. Durante três anos viveram isolados e adquiriram ampla experiência: observaram, por exemplo, que as terras do Neguev permitem aproveitar o máximo de águas das precipitações; que a escassa quantidade de chuvas que caem no inverno se conserva na terra. Desta

mancira, então, obtiveram no segundo e terceiro ano colheitas de cereais nos campos e conseguiram plantar e cultivar toda a classe de vegetais, e determinar os métodos agrícolas adequados ao Neguev. Os moradores de Revivim observaram o inverno como no Wadi vizinho — que permanece sêco durante quase todo o ano — é irrigado no inverno por enormes quantidades de água, provenientes dos montes de Chevron e que depois se perdem no mar; milhares de metros cúbicos de água se perdem, assim, para a tão sedenta terra. Aquêles jovens começaram a pensar então como reunir aquelas imensas quantidades de água; construíram diques e um estanque. Agora, quando alguém visita Revivim, pode encontrar ali campos de cereais e para pasto, hortas de verduras e frutos, e até árvores de adorno e flores cultivadas em pleno deserto.

O êxito destas experiências permitiu prosseguir na colonização do Neguev e levantar ali novas colônias. Os planos foram elaborados por técnicos, e, quando a situação política se agravou, ficando claro que já não se podia esperar pela criação de uma base existencial adequada no Neguev, resolveu-se então materializar os planos. Foi então que se ergueram doze novos pontos e mais tarde outros sete, que se estendem atualmente como um grande leque sobre toda a extensão da parte norte do Neguev.

ÁGUA PARA O DESERTO

Mas com isto nossa tarefa não terminou. Os Yshuvim criados necessitam viver, e as experiências obtidas nos postos de avançada demonstraram que sem um grande plano de abastecimento da água a obra colonizadora do Neguev não poderia progredir, nem possibilitar a criação de novas colônias. Se existisse no país um outro regime poli-

tico, e nos permitissem trabalhar e inverter nossas energias livremente, com toda certeza já teríamos realizado hoje o tão famoso Plano Lawdermilk ou outro plano de irrigação, que conduzisse as águas do Jordão até o sul de Eretz Israel, transformando, assim, o deserto numa terra povoada. Mas como se sabia que nas atuais condições não seria possível materializar êsse grande projeto, teve-se que empreender algo em menor escala, para assegurar a subsistência das colônias no Neguev. Assim nasceu a idéia do encanamento da água. Em algumas colônias estabelecidas no sul, sobre terras do Keren Kaiemet, foi descoberta abundante quantidade de água, no profundo sub-solo. Resolveu-se, então, criar uma rede de instalação de água, na direção de Asludz e na direção de Gvulot — 80km em cada um desses sentidos — para assegurar uma quantidade mínima de água às colônias que se acham no trajeto da dita rede e para as novas colônias a serem fundadas nesta mesma zona. Os moradores iniciaram imediatamente o trabalho. Chegou, pois, o tão esperado dia para as três primeiras colônias no Neguev, já alcançadas pelo encanamento da água. Também os beduinos com seus rebanhos, dirigiram-se para ali a fim de dar a beber ao seu gado e a seus camelos as águas que pela primeira vez fluíram nesta região tão árida. É lógico que a água não é só salvação para as colônias judias do Neguev, mas também para os árabes da região.

Esta obra segue para diante, apesar do govêrno opor dificuldades. A mão judia se aferrou ao Neguev e já não o abandonará. Lentamente, apesar das difíceis condições com que tropeça a aquisição de solo, foram compradas novas áreas, constituindo assim a principal garantia para a ampliação e a continuação de nossa obra no Neguev, inclusive o Neguev.

Drorista!

Contribua com o teu sangue pró Israel.

**Dirija-te hoje mesmo ao
banco de sangue.**

KIBUTZ HAMEUCHAD

*Uma visão panorâmica do movimento do
Kibutz Hameuchad e sua estrutura social*

O Kibutz Hameuchad compõe-se de 53 Kibutzim com uma população de 23.000 habitantes. Ainda que essencialmente agrícola, os Kibutzim têm desenvolvido o ramo industrial, que desempenha um papel importante na sua economia. Ideologicamente o Kibutz Hameuchad se considera como oriundo do «Gdud Aviodá» (Legião de Trabalho), que funcionava sobre bases coletivas. O Gdud era composto principalmente por jovens imigrantes da Rússia, que, chegando a Eretz, logo depois da primeira guerra mundial, formaram uma organização central de pioneiros.

A principal semelhança entre o Gdud e o Kibutz Hameuchad, é que ambos acharam necessário o estabelecimento de grandes Kibutzim, capazes de desenvolver-se posteriormente.

Nesse aspecto, o Kibutz Hameuchad se diferencia dos outros movimentos coletivos, que se baseiam em estabelecimentos pequenos e fechados, sem nenhuma tendência para o crescimento. Outra diferença de pontos de vista entre o Kibutz Hameuchad e outros movimentos coletivos, é que o primeiro não se limita somente à agricultura, mas pretende também desenvolvê-lo incluindo a indústria e o artesanato, e está ainda a favor do envio de seus membros fora do Kibutz, para trabalho assalariado.

O Kibutz Hameuchad não procura paralisar o crescimento dos seus Kibutzim quando estes chegam à categoria de aldeias, pelo contrário, deseja que se convertam em pequenas cidades coletivas, que, como as cidades capitalistas, abarquem todos os ramos da vida econômica. De acordo com os teóricos do movimento, tal forma devida, permite o desenvolvimento de todas as possibilidades latentes na terra, utilizando a capacidade humana e os recursos disponíveis num determinado lugar. Julgam também que a sociedade em pequenas cidades coletivas livraria os seus membros de prejuízos sociais.

Os outros movimentos kibutzianos possuem pequenos estabelecimentos de população fixa, compostas por pessoas que se haviam unido em grupos antes de vir a Eretz, e que foram treinados ainda durante a sua permanência no Galut, para uma vida coletiva. O Kibutz Hameuchad, além de aceitar elementos já preparados para a vida coletiva, aceita também qualquer elemento, desde que ele esteja imbuído de um espírito coletivista e siga a idéia da realização sionista. Não submete seus membros a um escrutínio muito estreito, não exige deles um «standart» particular de educação, nem um conjunto definido de idéias. E', em síntese, o único movimento kibutziano que recebe a todos que desejam ingressar nele.

Em discussões entre as diversas organizações kibutzianas têm-se feito críticas ao Kibutz Hameuchad, por não exercer nenhuma discriminação na admissão de novos elementos. O resultado disto é que toda espécie de gente proveniente de várias camadas sociais tem entrado no Kibutz Hameuchad; enquanto que os Kibutzim do Shomer... são formados principalmente por elementos mais ricos da pequena burguesia, e da «inteligentzia» — os membros do Kibutz Hameuchad procedem da massa do proletariado. Como disse um orador na conferência do movimento, realizado em Givath Breener, alguns deles quando chegaram eram iletrados, e foi tarefa do movimento melhorar seu «standard» de eficiência no trabalho, e elevar o seu nível cultural e social.

Foram estas as características que fizeram com que os diversos Kibutzim desta tendência se unissem num organismo só, fundando o Kibutz Hameuchad em 1926. Os outros Kibutzim fizeram o mesmo depois, formando os do Shomer Hatzair o Kibutz Artzi, e os da Gordonia, o Chever Hakvutzot. Desde o início o Kibutz Hameuchad considerou como ponto de partida para as suas atividades a necessidade de uma organização economicamente centralizada, e aderiu ao princípio de que a manutenção da autoridade era de suma importância.

Existe, ademais, a questão conhecida pelo nome de **coletivismo ideológico**, que dá uma indicação à direção para qual se oriente o movimento. Por exemplo,

ao movimento coletivo do Hashomer Hatzair (Kibutz Artzi) no princípio de regeneração social em pequenos estabelecimentos, e em unidades de tamanho reduzido, cuja vida totalmente governada pelo desenvolvimento interno, produzindo-se um coletivismo ideológico entre seus membros. Os mesmos processos de pensamento são comuns para todos eles, e todos assumem uma atitude idêntica ante os problemas políticos e culturais. Se um membro começa a diferir dos demais, de pronto se encontrará a margem do Kibutz. A situação no Kibutz Hameuchad é muito diferente. A estrutura de seus estabelecimentos faz com que seus membros desenvolvam os seus pensamentos em face de linhas distintas, e tomam atitudes independentes ante as questões sociais e de trabalho, de acordo com a mentalidade e tendências particulares. Assim encontram-se no Kibutz Hameuchad pessoas de variadas opiniões.

Uma certa porcentagem é filiada ao Mapai, e a maioria vota nele nas eleições. Após a divisão do partido, a proporção de votos dados ao Mapai e à sua ala esquerda é de 40 e 60%, respectivamente.

Uma pequena porcentagem é filiada ao Poalei Zion da Esquerda, e um certo número vota pelo Shomer Hatzair.

Os membros do Kibutz Hameuchad são de diversas origens, e qualquer um dos seus Kibutzim pode conter judeus de cada um dos países de onde tenham emigrado. Neste aspecto o Kibutz Hameuchad também se diferencia dos outros movimentos coletivos cujos estabelecimentos se compõem totalmente de imigrantes oriundos de um só país e no máximo de dois. O ponto de vista dos teóricos do movimento (KH) é que se os colonos dos diversos países se entremesclam os diferentes hábitos adquiridos na sua vida de Galut, se neutralizarão mutuamente e reduzir-se-á ao mínimo a tendência de formar «grupinhos», surgindo da mescla destes diferentes tipos e mentalidades uma etnia sadia e forte.

Um dos objetivos a que o Kibutz Hameuchad tem se fixado é estabelecer em suas colônias empresas industriais, no que tem obtido um êxito relativo. Os outros movimentos continuam considerando a agricultura como o seu objetivo principal, apesar de fazerem pequenas experiências industriais quando acham necessário.

Pelo que vimos acima, podemos concluir que no Kibutz Hameuchad não prevalece uma ideologia única e uniforme. São os problemas práticos de cada dia que unem os seus membros, bem mais do que um programa político. O Kibutz Hameuchad não pode tomar nenhuma decisão política específica sem o acordo expresso por todos os seus membros. O Kibutz Hameuchad está filiado em bloco a Histadrut, porém seus membros podem pertencer individualmente a qualquer partido, ou permanecer apartidários se o quiserem.

A maioria dos membros do Kibutz Hameuchad são oriundos do movimento Hechalutz da Polônia, do Hechalutz e Habonim na Alemanha e dos movimentos Hechalutz Hatzair, Dror e Netzah em Eretz. Muitos têm sido recrutados no Hanoar Haoved de Eretz.

Ao fazer um balanço nas suas atividades, os membros do Kibutz Hameuchad creem que a sua forma específica de vida coletiva abre perspectivas a grandes realizações sionistas no futuro. Assim, o Kibutz Hameuchad está planejando e preparando meios para a absorção de uma imigração em grande escala, o que será possível devido ao sistema que vêm adotando.

O Keren Kaiemet Leisrael redime o sólo de Eretz.

Contribuam para o Keren Kaiemet

Leisrael durante as festas em geral.

KEREN HAYESSOD

O Keren Hayessod constitui junto com o Keren Kaiemet Leisrael, um dos fundos nacionais que o Congresso Sionista Mundial consagrou.

E' esse o instrumento financeiro que fornece à Agência Judaica os meios para a realização do que constitui a sua razão de ser.

A forma pela qual estes meios são arrecadados é «sui-generis» no mundo. Uma nação contribui para os recursos financeiros do governo, através de impostos. Em Eretz Israel o Yshuv paga seus impostos especiais ao Vaad Ha-leumi.

No entanto, dada a circunstância de que a maioria do povo judeu vive no Galut, seria impossível a fixação de impostos a serem pagos ao Vaad Ha-leumi.

Assim sendo, este fundo é subscrito anualmente pelos judeus, através de contribuições individuais, nas campanhas que para este fim são feitas. Estas contribuições não guardam relação com os rendimentos dos indivíduos; dependem unicamente da consciência do contribuinte, devendo ressaltar-se que essa subscrição é voluntária.

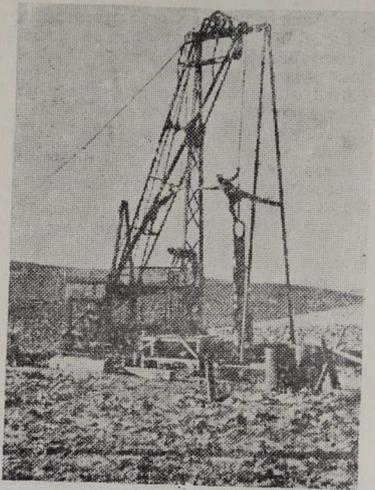
Unicamente, num tipo de contribuições desse gênero, poderíamos encontrar disparidades. Por um lado, indivíduos que contribuem com parcelas pesadas do seu orçamento anual, enquanto por outro lado, muitas pessoas não contribuem, ou, quando o fazem, sua contribuição é tão ínfima em relação ao seu orçamento que representa um peso desprezível.

E' pois através dessas arrecadações tão árduamente obtidas que a Agência Judaica faz as inversões básicas do nosso nascente Estado Judeu.

Torna-se, pois, necessária a todos os judeus a compreensão de que, através de uma contribuição voluntária, podem e devem fornecer os meios materiais ao governo para a realização do objetivo principal, que é o estabelecimento do nosso Estado.

A inversão principal dos fundos do Keren Hayessod é caracterizada através dos seguintes dados estatísticos:

De 1-X-46 a 30-IX-1947, ou seja, no



decorrer do ano 5707 em Aliah (imigração) Hachshará e absorção de imigrantes foram aplicados 1.900.000 libras esterlinas (Cr\$ 140.600.000). Em colonização agrícola sob todas as formas, como sejam: fundação de novos pontos de colonização, financiamentos da irrigação, criação de possibilidades de colonização para soldados desmobilizados, etc., foram empregados 2.700.000 libras esterlinas (Cr\$ 199.800.000).

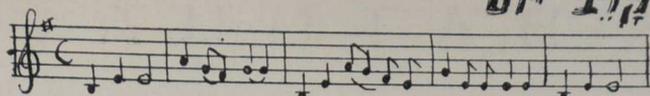
As cifras acima citadas correspondem a «records», e graças a isto foi possível criar 30 novos pontos de colonização, dos quais 16 acham-se no Neguev.

Fazendo-se igual a 100 os dados referentes a 5706, que é o ano anterior, teríamos 119 e 135 respectivamente, ou seja, aumento de 19% em Aliah, etc., e aumento de 35% em colonização.

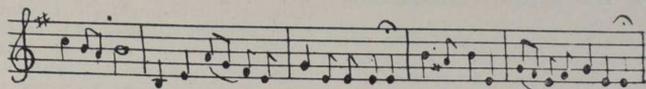
Verificamos, ainda, que o Keren Hayessod empregou no ano de 5707 26,4% do total de suas inversões desde a sua fundação, em Aliah e Colonização.

Da contribuição máxima de cada judeu para este fundo, depende o incre-

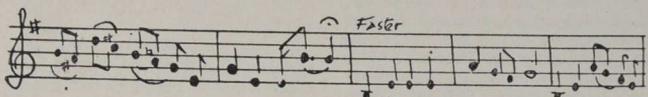
קרוב יום



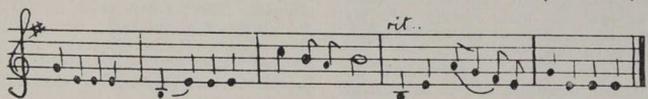
יום נג ק קה ל ל- יום לא הוא ש א יום נג ק יום נג ק



אירק אירק איר - ק אירק הו קה ל ל- יום לא הוא שו א יום נג ק



! יום ג א ק עירק קד - תפ רים- שומ יל ל ה בת- חש יום אור ק



לה ל ג א יום ג א ק עירק קד - תפ רים- שומ קה ל ג א

קרוב יום אשר הוא לא יום ולא זיקה
 תאיר באור יום חשכת הליל
 שוקרים תפקד לעירק
 גם ביום וגם בלילה

Aproxima-se o dia que não será dia nem noite

E assim a escuridão noturna bulhará tanto como a luz do sol

Judique guardas para tua cidade

Seja de noite seja de dia

B A T N U Á

NOTÍCIAS DA MACHLEKET HAITONUT DA LISHKA MERKAZIT

Grande é a nossa satisfação ao enviarmos aos chaverim do «DROR» carioca os sinceros votos de congratulações por mais esta realização, cujo pleno sucesso já antevemos e cuja iniciativa se deve à dedicação e aos esforços dos companheiros do sniff Rio de Janeiro.

O segundo número de «DARKEINU», esta vez impresso, é, sem dúvida alguma, a consequência natural deste processo de cristalização que está se verificando, mercê do qual a estrutura organizacional do nosso movimento no Rio tem adquirido uma sólida e auspiciosa consolidação.

Esta iniciativa, que propagará de u'a maneira eficiente e ampla os nossos ideais e os nossos problemas — o nosso caminho à juventude judaica do Brasil, merecerá por certo o imprescindível apoio e colaboração de todos os chaverim da Organização «DROR».

CHAVER KOSTRYNSKI NO BRASIL

Inesperadamente passou pelo Ric, a caminho dos Estados Unidos, o secretário latino-americano do Ichud Olami Poalei Sion Hitachdut, chaver M. Kostrynski. A viagem do nosso dirigente prende-se a assuntos de grande importância para o Movimento e seu regresso dar-se-á em maio, quando participará do KINUS brasileiro do Partido Poalei Sion, a arealizar-se em São Paulo com a presença de delegados de todo o país. Durante este KINUS serão discutidos os assuntos que serão apresentados pelo nosso Partido à Conferência Latino-Americana do Ichud Olami, a iniciar-se em 28 de maio em Montevidéu.

Segundo carta enviada pelo chaver Kostrynski de New York, está assegurada a presença, no KINUS LATINO-AMERICANO, do estimado e veterano chaver Baruch Zukerman, secretário geral do Poalei-Sion norte-americano.

Durante a estada de Kostrynski em São Paulo, a Lishká Merkazit debaterá com o nosso companheiro problemas de magna importância para o DROR e re-

ceberá a sua esclarecida orientação no tocante à atualidade política no sionismo. Oportunamente, a Lishká Merkazit enviará a todos seus snifim um completo informe sobre as suas reuniões com o chaver Kostrynski.

DELEGADO DO «DROR» AO KINUS LATINO-AMERICANO

A fim de representar a nossa Organização no KINUS LATINO-AMERICANO que o Ichud Olami promove em Montevidéu, a Lishká resolveu enviar seu mazkir, chaver Israel Steinbaum, que em Montevidéu terá oportunidade de abordar problemas do Movimento com companheiros de toda a América do Sul, especialmente com a LISHKA DAROM AMERICA DO «DROR».

PEGUSHISHA

Nos dias 30 de abril, 1, 2 e 3 de maio realizou-se em São Paulo um encontro entre os chaverim Max Resch e José Etrog, do Vaad do Sniff Rio de Janeiro e os membros que compõem a Lishká Merkazit.

Os pontos constantes da ordem do dia — HACHSHARÁ, ALIÁ, LISHKÁ, KINUS DA JUVENTUDE, MOATZÁ, MOSHAVÁ-SEMINÁRIO e outros — foram calorosamente debatidos e analisados num elevado plano de discussão, da qual participaram todos os chaverim presentes. Colocando os shlichim do Rio num contacto mais próximo com problemas do nosso movimento e adotando resoluções, de carácter organizacional, que se impunham pela sua premência — podemos afirmar com segurança que esta Peguishá foi bastante oportuna e esclarecedora, tanto pelos amplos debates que se generalizaram como pelos novos problemas surgidos — fruto do crescente desenvolvimento de nossa Organização.

Durante esta Peguishá foram estudadas as possibilidades de realizar um Moshavá-Seminário para os shchavot NOAR e AVODÁ de todos os snifim, aproveitando as férias escolares de julho. Do plano elaborado constam 2 pe-

quenas moshavot nos sniffim Curitiba e Belo Horizonte, das quais participarão chaverim da Lishká e do Rio. Após estas Moshavot, realizar-se-á a Moshavá-Seminário, provavelmente em São Paulo, de duração maior e sob a orientação de um sheliach de Eretz ou da Argentina. Nos últimos dias do Seminário será realizada a Moatzá do nosso movimento.

E' de toda a conveniência, pois, que os sniffim iniciem seus preparativos desde já, mobilizando seus elementos e preparando um fundo monetário para atender às despesas destas realizações, que esperamos sejam melhor sucedidas ainda do que a Moshavá de Petrópolis.

MADRICHEM

Segundo cartas recebidas por companheiros dos madrichim que estão em Eretz, o seu curso deve ter iniciado após Pessach. Em todas as cartas os nossos chaverim, que já entraram em contacto com as altas instâncias do Movimento, são unânimes em exaltar a unidade do Ishuv, a moral extraordinária-

riamente elevada da população; relatam também sobre as numerosas visitas realizadas e, especial, às instituições da HISTADRUT HAOVDIM — instrumento por excelência da Reconstrução nacional. No próximo número publicaremos mais detalhes sobre a realidade de Eretz, tal como a vêem os nossos companheiros.

MSILATEINU

O sniff São Paulo acaba de mimeografar o 1º número de seu órgão — MSILATEINU — com uma expressiva capa desenhada pelo chaver Vittorio Corinaldi, alusiva à Pesach e a 1º de Maio — acontecimentos aos quais é dedicada a revista.

Com variadas colaborações dos chaverim, uma interessante página de variedades — palavras cruzadas, testes, de conhecimentos, etc. — MSILATEINU, dado o carinho com que foi composto e apresentado, promete tornar-se em breve uma vigorosa e difundida expressão do sniff São Paulo do DROR.

Filmem vossas festas gratuitamente

O Comitê Local do Kéren Kaiêmet Leisrael do Rio de Janeiro, comunica que:

Sob a direção do Snr. Hersh Roizenblüt, Diretor do Departamento de Filmagem do Comitê Local do Kéren Kaiêmet Leisrael, filma-se gratuitamente qualquer festa particular judia ou acontecimento social.

Informações no Bureau Central do K. K. L.

Av. Rio Branco, 114-11.º and. ★ Telefone 32-7017

ou a noite diretamente com o Snr. Hersh Roisenblüt pelo

Telefone 48-0121

Cada judeu que souber de noivados, casamentos, bar-mitzvat, britn ou outras festas judias, péde-se comunicar ao Kéren Kaiêmet Leisrael.

A ETERNA JERUSALÉM ★

Por
DAVID ROTERMAN

Jerusalém, a cidade-berço do povo e da cultura judaicas, Jerusalém, a cidade-luz e nascedouro de tantas religiões e ideais humanos, Jerusalém, a milenária, martirizada capital judaica, está vivendo de novo grandes dias de luta e sofrimento, que abalam a paz e a consciência do mundo civilizado.

Um povo milenar despertou do seu letargo, sacudiu o pó do exílio e da humilhação, libertou-se de tódas as ilusões e promessas frustradas, transformando a sua dor e esperança numa surpreendente fonte de energia criadora e vontade de viver.

Este povo retorna agora, lenta mas decididamente ao seu lugar de origem, este povo reacende a chama de sua fé na vida e no homem, reencontrando ao primeiro contacto com a terra generosa a sua própria personalidade e identidade histórica, sob os céus límpidos de Canaã.

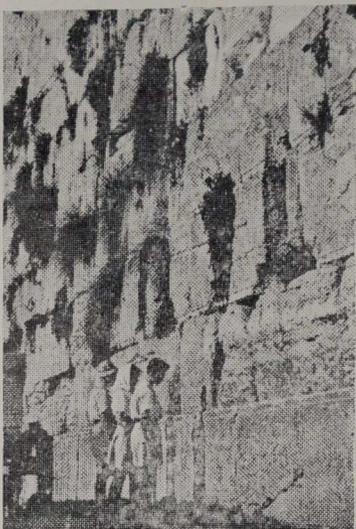
Jovens judeus, vindos de tódas as partes do globo, imbuídos de um amor irrepriável à terra, ao trabalho, à liberdade, procuram pôr em prática algo que os seus antepassados, os seus profetas e guias espirituais, tanto almejavam para a humanidade sofredora; algo que traz em si promessas de dias mais claros...

Os primeiros pioneiros juraram: Anú Nihie Harishonim: nós seremos os primeiros!... e foram de fato os primeiros a dar combate aos desertos e aos pântanos, os primeiros a curar a terra maltratada e abandonada das chagas que a incúria de invasores causou...

E a natureza despertou, a vida resurgiu com o sópro criador das levas de chalutzim, cobrindo-se a superfície de campos e cidades, de trigais e vinhedos, de aldeias e kibutzim.

A humanidade estupefata assistiu ao processo redivivo da Terra e do povo de Israel, a sua consciência não pôde ignorar o idealismo e a capacidade criadora desse punhado de bravos, e após estudos e exames exaustivos reconheceu, no supremo tribunal da consciência dos povos — na O.N.U., o direito inconfundível do povo judeu, de viver como Nação livre, no seu Estado livre!

E, repentinamente, eis que uma reviravolta se dá na decisão e na dispo-



sição de alguns homens; o triste jôgo de interesses obscuros, e os conluíus com alguns déspotas dos feudos árabes, trazem como consequência: — a luta entre irmãos... Sim, a luta entre irmãos, porque árabes e judeus precisam de paz e trabalho, de fraternidade e esforços construtivos, a fim de libertar-se cada um de seus peculiares males, nacionais e sociais, físicos ou morais...

E' por isso que consideramos esta luta forçada e anti-natural, vendo massas ignorantes aticadas a uma guerra sangrenta, que contradiz aos seus próprios interesses; só o tribunal da humanidade poderá evitar o inútil derramamento de sangue, que envergonha os mais comesinhos princípios de civilização, solapando assim a confiança nos bons propósitos e na boa vontade das Nações Unidas.

Está, pois, a consciência universal diante da prova de fogo que Jerusalém lhe impõe — e diante das velhas muralhas de Jerusalém a humanidade decifrárá o caminho que vai seguir. Os nossos irmãos e irmãs, defendendo heroicamente a honra e liberdade do seu

Continúa na pag. 30

O CANTINHO DO TZOFÉ



Caro Tzofé! E' teu êste cantinho. Nele encontrarás histórias interessantes, passatempos e brincadeiras. Mas para que isto seja de fato a página do Tzofé, é preciso que colabores nela, pois, através d'êste cantinho, entrarás em contacto com tzofim de outras kvutzot e de outros snifim, unindo assim a grande família drorista. Envia teus trabalhos; podem ser histórias, anedotas, casos de tua kvutzá, sugestões; desta forma esta página será de fato o reflexo da tua shichvá no nosso movimento.

Mãos a obra, pois, chaver. Tua colaboração será enviada para a «Praça da República, 42, 1º andar — Rio de Janeiro — Página do Tzofé». Temos certeza de que a próxima edição desta será feita inteiramente por ti e por teus chaverim de todo o Brasil. Ao trabalho, ao progresso de nossa página. ALÉ VEHAGSHEM.



O «SEDER» DOS COELHINHOS

Aconteceu no ano de 1917. Os primeiros dias de Nissan haviam chegado

e a pequena cidade ainda continuava envolta no manto alvo de neve e gelo, como se fosse o começo do inverno. O telhado das casas cobertas de flocos de algodão. Nas ruas cobertas de neve, viam-se crianças bem agasalhadas, a atirarem umas sôbre as outras, blocos de neve que agarravam com suas mãos-zinhas. Estava eu num dêstes grupos, brincando, quando vi aproximar-se meu irmão Isaias. Logo ao chegar, Isaias, que tudo sabe, anunciou-me com voz solene: — Rachel, êste ano não teremos primavera!

Isto foi para mim um verdadeira choque. Então não teriamos primavera, com suas lindas flores e os passarinhos a cantarem? Não podia ser! Mas o Isaias, que tudo sabe e tudo aprende, na certa sabe o que diz. No entanto, timidamente perguntei-lhe:

— Isaias, você tem certeza do que está dizendo? Não teremos primavera de verdade?

— Ora, estas meninas bobas — exclamou Isaias com importância — nada entendem! Eu estou dizendo que não teremos, e pronto, sei o que digo. Você se lembra, Rachel, que o tio Yaakov devia vir para Hanuka, e não veio?

— E' mesmo, estou lembrada...

— Pois bem, êle não veio porque não obteve permissão para transitar pelos

• caminhos, porque estamos em guerra e por toda parte há soldados e canhões. Você compreende?

— Sim... mas o que tem isso que ver com a primavera, Isaías?

— Ora, sua boba, pois se o tio não pode passar e chegar até aqui, de certo também a primavera está proibida de chegar até aqui, e só virá quando terminar a guerra, Rachel.

— Escute, Isaías, você leu tudo isso na «enciclopédia», foi?

— Rachel, você é uma grande tola: então não sabe que a «enciclopédia» foi escrita antes da guerra? Não, eu estou informado por outras fontes...

— E... Isaías, se a primavera não vem, não virá Pessach também?

— Não, não virá.

— E... e... seder não teremos?

— Não, não teremos.

Eu já estava ficando com vontade de chorar, mas continuei perguntando:

— E... também Eliahu Hanavi não virá?

— Mas, se não se pode passar, Rachel!

— Quer dizer... que... que não teremos Yom-Tov, mesmo — perguntei com as lágrimas a saltarem dos olhos.

— Não — decretou Isaías.

Ah! o golpe foi duro de mais. Não pude mais aguentar. Então nós íamos passar um ano sem Pessach, sem seder, sem Eliahu, sem primavera?

Isaías, que percebia a minha emoção, tranquilizou-me:

Cumpra concenciosamente com o teu dever inscrevendo-te como sócio da Organização Sionista Unificada do Brasil. Assim exige o momento.

— Não se incomode, Rachel. Em compensação, quando terminar a guerra, comemoraremos três vezes seguidamente o Pessach e a dona Primavera ficará conosco muito mais tempo do que de costume.

Na verdade, não me senti conformada nem consolada. Mas como não havia remédio, e o Isaías sabe tudo, resignei-me. No íntimo sentia-me aborrecida. «Quando acabar a guerra». Até o Isaías já fala como os grandes, «quando acabar a guerra». Tudo que se pede, tudo que se quer, a resposta é uma só: «quando acabar a guerra». Mas quando acabará ela? Quando?

— Venha brincar no «Alaska», Rachel. Não fique aí parada feito boba, venha, vamos...

«Alaska» era um monte de neve que havíamos construído e no qual brincávamos de correr, esconder, etc. Era um monte gigantesco que levamos muitos dias a edificar...

No fim de algum tempo, brincávamos todos animados, tendo esquecido tudo, Pessach, seder, primavera, guerra...



Alguns dias antes da primeira noite de Pessach, fui acordada numa bela manhã, por alguns raios tímidos de sol que entravam janela a dentro, iluminando meu quarto. Pulei da cama, olhei pela janela e vi que a neve que cobria as ruas começava a derreter e dos telhados escorriam as gotas d'água da neve derretida pelos primeiros raios solares.

Vesti-me correndo e saí para a rua. Lá encontrei meus amiguinhos, e entre eles Isaías — o sabe tudo.

Corri para ele, e alegremente, desafiando a sua sabedoria, exclamei:

— Então, Isaías, veio ou não veio a Primavera?

— Ora, Rachel, e quem poderia adinhar que ela violaria a fronteira?

Fomos todos para a beira do rio. O sol havia derretido o gelo, em que o riacho se transformara, partindo-o em enormes blocos que começavam a mover-se carregados pelas águas da correnteza. Contemplávamos, cheios de alegria, êste quadro da chegada da primavera, quando alguém gritou:

— Olhem, vejam, ali sôbre o ghetoo... Olhamos e vimos, sentado sôbre um dos blocos de gelo que se movia rapidamente, afastando-se, um coelhinho.

— Coitadinho! — exclamei.

— Coitadinho coisa alguma — explicou Isaiás, o sabichão. — Na certa êle foi convidado para o 1º seder num lugar longínquo, e como o gelo vai naquela direção, aproveitou para viajar de «expresso».



— Mas Isaiás, os coelhos também têm seder? Que estás dizendo?

— O que ouves, Rachel. E' claro que têm. Então não sabias? Você é mesmo ignorante!

— Mas Isaiás, eu ouvi dizer que os coelhos festejam a Páscoa católica...

— Sua tola, os coelhos são como gente. Há os que são judeus e há os não judeus, compreende?

Não tive tempo de perguntar mais, pois ouvimos a voz de mamãe anunciando:

— Meninos, vejam quem está aqui! O tio Yaakov!

Corremos a abraçar o tio que chegara junto com a Primavera, violando a fronteira...

Mas o assunto do «Seder dos coelhos» não me deixava em paz. Por mais que respeitasse a sabedoria de Isaiás, já começava a duvidar de seus conhecimentos. Sentia-me, além disso, muito ofendida, pois a tudo que eu perguntava êle respondia sempre: boba, tola, você é uma menina e não pode saber tudo ainda... Mas será que os coelhos têm mesmo seder?

Resolvi então perguntar ao tio Yaakov. Êle não é como todos os «grandes», que não querem responder às nossas perguntas e dizem sempre «quando a guerra acabar». O tio Yacob na certa responderá. E respondeu:

— Certamente, certamente, Rachel, também os coelhos tem seder.

— E existem coelhos judeus, tio Yaakov?

— Existem, minha filha, existem.

— E como podemos diferenciá-los dos não judeus, titio?

— E' muito simples. Aquêles que vivem sossegadamente nas florestas, são os não judeus, e aquêles que são perseguidos pelos caçadores são os coelhos judeus. E' claro, não?

Para mim não estava bem claro ainda, mas percebi que o tio tinha sido sincero e muito sério na resposta.

— Titio, eu vi um coelhinho que viajava para um «seder» e com muita pressa...

Tio Yaakov, que lia um jornal, murmurou:

— E' possível, tudo é possível hoje em dia. — De repente, levantou-se, tomou-me pela mão e disse:

— Venha, iremos juntos ver um «seder» de coelhos judeus.

Cumpra concenciosamente com o teu dever inscrevendo-te como sócio da Organização Sionista Unificada do Brasil. Assim exige o momento.

Dito isto, saímos para a rua. Era a noite do 1º «seder». Caminhamos por umas ruas escuras até chegarmos a uma casa grande e velha. Titio ergueu-me em seus braços fortes e eu pude ver através da janela, muitas crianças da minha idade, sentadas em torno de uma mesa bem posta, com «matzot» e vinho; velas ardiam em candelabros e tudo era festivo. Uma jovem, em pé à cabeceira da mesa, dizia algumas coisas às crianças, e elas pareciam sorrir.

— Onde estão os coelhos? — perguntei.

Titio respondeu:

— Todas estas crianças que vêes, são pequenos coelhos. Vieram maus caçadores, caçaram as mães e papais destes coelhos e eles conseguiram escapar, e hoje estão aqui, são e salvos, festejando alegremente Pessach.

Voltei para casa pensativa, e mal acreditando no que havia visto.

Em casa todos já estavam esperando a nossa chegada para começarem o «seder».

Ao entrar, Isaías, o sabe tudo, para mexer comigo, disse:

— Rachel, você perdeu uma bela história que contaram sobre as crianças refugiadas que tio Yaakob trouxe sãs e salvas para a nossa cidade. Teremos novos amigos, Rachel.

— Pois eu acabo de ver um «seder» de coelhos — respondi. — Um verdadeiro «seder» de coelhos judeus.



Isaías olhou-me incrédulo e já ia abrir a boca para dizer «boba», quando tio Yaakob confirmou:

— Sim, um verdadeiro «seder» de coelhos judeus.

Desta vez Isaías, o sabe tudo, foi derrotado em sua sabedoria.

PARA VOCÊ SORRIE

Dinah — Sabes Dan, quem foi o 1º Maapil?

Dan — Foi... foi.

Dinah — Ora, não sabes? Foi Moshé Rabeinu... Quando o Faraó proibiu a aliá Pnimit de meninos, Moshé conseguiu burlar a vigilância...

★

O professor — Diga-me, Joel, o que será que pensou Newton, ao cair-lhe a maçã na cabeça?

O aluno — Newton pensou: «ainda bem que não foi a lua»!

★

PRONÚNCIA ERRADA

1º menino — Meu pai nasceu em Odessa.

2º menino — Não se diz Odessa, seu bóbo, diz-se «Hadassa».

★

Nos tempos em que Londres era bombardeada pelos aviões nazistas, foi decretado «black-out» em toda a cidade. Um dos guardas noturnos, avistou então luz numa das casas. Ao entrar, para repreender os moradores, depara com uma velhinha que, agachada, procura algo.

— O que procuras, vovó? Não sabes que é proibido ter a luz acesa?

— Estou procurando minha dentadura, que caiu!...

— E para que queres a dentadura? Julga que os nazistas estão jogando sanduiches?

★

O pequeno Eliahu ouviu dizer que os ingleses sairão em breve de Eretz Israel. Perguntou então a seu pai?

— Pai, e para onde irão os ingleses?

- Ora, meu filho, para a Inglaterra!
- E o que farão eles lá na Inglaterra?
- Trabalharão na terra, cultivarão o campo, trabalharão nas fábricas...
- Então, então, deixarão de ser ingleses! Transformar-se-ão em judeus como nós, papai!...

- 4) VUGENE..... Região ao Sul de Eretz Israel
- 5) KLAIBI..... Poeta hebreu
- 6) AFIHA..... Pôrto de Eretz
- 7) RUGAY..... Kibutz
- 8) DRULEMOPTR Herói de Tel Chai

O CONCURSO DO MÊS

Chaverim, apresentamos agora uma surpresa: um concurso; sim, um concurso com prêmios para o tzofé que corrigir a seguinte história:

Num dia chuvoso de agosto, saiu a classe de Uri para um tiúl. Partindo de Haifa, seguiram para o norte até chegarem a Tel-Aviv. Ai em Tel-Aviv, visitaram o Muro das Lamentações, e após curta visita a Gaza, cidade vizinha de Tel-Aviv, foram direto, via oeste, para Tiberiades. Em Tiberiades, banharam-se nas refrescantes águas do Mar Mediterrâneo e, pouco antes do ancitecer, rumaram para Haifa, passando por Petach Tikva e Jerusalém.

Chaver, esta história não está muito bem contada, não acha? Aponte os erros e envie para «Página do Tzofé — Praça da República, 42, 1º andar — Rio de Janeiro». Entre os que acertarem, sortearemos um prêmio. Todos ao mapa de Eretz!

Chayerim, na nossa última sichá, a menahelet falou-nos sobre o mês que passara — o mês de Nissan.

Comemoramos neste mês duas datas importantes para nós. Uma é Pessach e a outra o Ghetto de Varsóvia.

Todos já conhecem a história de Pessach, e como é importante para nós judeus esta data de libertação do cativo do Egito! E' a festa da primavera, da liberdade. Todos os anos lembramos e nos sentimos orgulhosos dela.

A outra data, do levante do Ghetto de Varsóvia, está bem pertinho de nós.

Aconteceu, como sabem, há alguns anos, quando os perversos nazistas dominavam na Europa. Os judeus que viviam sem esperança de salvação, no Ghetto, sabendo que eram poucos e sem recursos, resolveram que mais vale morrer lutando do que de braços cruzados. Uniram-se todos e lutaram contra os opressores. Mostraram que não são covardes e que sabem defender sua liberdade.

Veja se consegue decifrar isto:

- 1) VEAIVLT Uma cidade em Eretz Israel
- 2) GAEIDNA..... Um kibutz em Eretz Israel
- 3) ZERILE Um vale em Eretz Israel

Cumpra concenciosamente com o teu dever inscrevendo-te como sócio da Organização Sionista Unificada do Brasil. Assim exige o momento.

Eles foram ajudados pelo chalutz de Eretz que lhes enviaram reforços e armas.

Hoje, seu feito heróico lembra-nos a luta que nossos irmãos travam em Eretz pela nossa independência. Ajudemos, trabalhemos e assim poderemos festejar em breve o dia da nossa completa liberdade.

CHAVER! CUIDA DO TEU ALBUM DE BULIM (SELOS); TRABALHE PARA O KEREN KAIEMET, PELA REDENÇÃO DO SOLO DE ERETZ!

TZOFE! PREPARA-TE PARA A GRANDE HAFLAGA DE LAG-BAOMER!

CAIXA POSTAL

Carta de uma menina de um kibutz a um chaver da Haganá

Caro Daniel.

Estou certa de que esta carta chegará às tuas mãos ao estares alerta vigiando algum pôsto importante, em

algum lugar distante, e na certa tens o que fazer. Teus olhos devem estar fixos nos horizontes, à procura de algum bando árabe ou talvez, quem sabe, já estejas em meio ao tiroteio por eles desfechado! Tua vida corre perigo, mas você não se detém e não recua. Estamos orgulhosos de você! Nós, aqui no kibutz ajudamos no que foi possível, esperamos que os chaverim do galut também trabalhem no auxílio que puderem para que possamos ter uma terra livre. Sabe, Daniel, tôdas as noites, ao deitar-me, penso em ti e em todos os chaverim que, como tu, lutam pela nossa independência, e, baixinho, para que ninguém ouça, peço a Deus que guarde a todos das balas dos árabes e que voltem em paz para nosso kibutz.

Tua chaverá,

Shoshana.

Chaver, nesta seção você poderá corresponder-se com seus chaverim de toda parte. Envie sua carta, pergunta ou sugestão, que será publicada e respondida. Assim como as outras, é sua esta seção.

FATOS E COMENTARIOS

Continuação da pag. 26

progresso e civilização pareciam ter soterrado os séculos dos Torquemadas, das Cruzadas e guerras santas; entretanto, vemos o ex-mufti ressuscitando os antigos fantasmas medievais, falando em visões e lutas sagradas — e o mundo, ó mundo imbecilizado, não vê nada, não sentes tremer a terra, quando ainda não desapareceu a fumaça e o cheiro da carne queimada, que os «salvadores» germânicos deixaram atrás de si... se alguém é amigo dos povos árabes, que os ajude a sair da explosão, da ignorância, das doenças que os regimens e os Husseinis lhes proporcionaram com tanta fartura. Não é com ódio e lutas que se alcança paz. Façamos em conjunto uma guerra, sim, uma guerra santa, mas à ignorância, à pobreza humana, ao ódio — e só assim ganharemos a paz.

A EPOPEIA JUDIA EM CIFRAS

Navios da Haganá cujos integrantes romperam o bloqueio da «rainha dos mares»

Nome do barco	Data da chegada	Número de imigrantes
Berl Katzenelson	23 de Novembro de 1945	211
Chana Szenes	25 de Dezembro de 1945	252
Enzo Sereni	18 de Janeiro de 1946	908
Ord Wingate	26 de Março de 1946	243
Tel Chai	27 de Março de 1946	746
Max Nordau	15 de Maio de 1946	1.663
Dov Hos	19 de Maio de 1946	500
Eliahu Golomb	19 de Maio de 1946	514
Chaviva Reik	9 de Junho de 1946	462
J. Wedgwood	27 de Junho de 1946	1.290
Birya	1 de Julho de 1946	1.060
Haganá	29 de Julho de 1946	2.678
O soldado judeu	31 de Julho de 1946	510
Yagur	11 de Agosto de 1946	754
Henrieta Szold	11 de Agosto de 1946	530
Katriel Yaffe	12 de Agosto de 1946	601
Quatro liberdades	2 de Setembro de 1946	1.024
Palmach	22 de Setembro de 1946	625
Bracha Fuld	20 de Outubro de 1946	819
Latrun	31 de Outubro de 1946	1.252
Resistência judia	25 de Novembro de 1946	3.854
Rafah	5 de Dezembro de 1946	790
O Neguev	9 de Fevereiro de 1947	652
Liberdade	17 de Fevereiro de 1947	796
Chaim Arlazarov	27 de Fevereiro de 1947	1.356
Shabtai Lozinsky	12 de Março de 1947	800
Mãe Pátria	30 de Março de 1947	1.570
Teodor Hertzl	15 de Abril de 1947	2.700
Hatikva (esperança)	17 de Abril de 1947	1.411
O recto retorna	23 de Abril de 1947	750
Lutadores do gheto	24 de Maio de 1947	1.459
Yehuda Halevy	31 de Maio de 1947	399
Exodus 1947	18 de Julho de 1947	4.554
Retórno a Sião	28 de Julho de 1947	424
Quatorze	28 de Julho de 1947	700
Apesar de tudo	27 de Setembro de 1947	445
Redenção	2 de Outubro de 1947	1.600
Estado Judeu	2 de Outubro de 1947	2.500

(Não estão incluídos nesta lista os inúmeros barcos, lanchas, botes e outras formas de «imigração ilegal», que somam centenas e centenas de judeus que, por qualquer meio, retornam à sua terra).



NOTA: QUANDO ESTAVAMOS IMPRIMINDO O BOLETIM, FOI PROCLAMADO O ESTADO JUDEU. AGUARDEM O NOSSO PRÓXIMO NÚMERO EM COMEMORAÇÃO AO ESTABELECIMENTO DO ESTADO JUDEU.

TRUMPELDOR

— Continuação do numero anterior —

Aí é que ele concebe as idéias de colonização coletiva na Palestina, a criação de novas formas de trabalho e relações humanas como base de uma sociedade livre e mais digna. Josef tem profunda compreensão dos problemas sociais, e o seu particular relêvo no âmbito anormal do povo judeu. Com um amigo seu, o poeta Grisha, estuda planos minuciosos para realizá-los em Eretz.

Em 1912, Trumpeldor vai a Eretz com alguns amigos, porém não consegue ainda estabelecer uma colônia coletiva, devido às grandes diferenças psicológicas entre os elementos. Ele não desanima, dirige-se para Degania, onde com seu único braço, realiza os trabalhos mais difíceis como só um agricultor experimentado faria. Já na Rússia havia-se familiarizado com as lides do campo, com o espírito de hachshará. Em 1913 é delegado ao 13º Congresso Sionista em Viena, e retorna a Degania, onde trabalha e organiza a defesa contra os incipientes ataques dos bandidos árabes. Ao espírito do proletário, vem aliar-se a perícia do soldado, para a defesa de sua base econômica e proteção do seu território nacional.

Irronpe a guerra mundial, Trumpeldor vai a Alexandria e após difíceis e exaustivas negociações com os ingleses, consegue formar um corpo de tropas de abastecimento, junto ao exército inglês em Galipoli, na Turquia. Foi com muita relutância que ele e os milhares de companheiros concordaram em limitar-se apenas a cuidar das mulas, do abastecimento e dos feridos. Se bem que este trabalho obscuro e anônimo exigisse grandes sacrifícios e tivesse contribuído grandemente para a causa aliada, os soldados judeus ansiavam por tomar parte nas batalhas de libertação de sua Pátria sob sua própria bandeira, e como exército autônomo. Mas se esta fôra a única forma possível, de compartilhar na luta, e preparar o caminho para o retôrno de Israel à sua terra, Trumpeldor teve a suprema coragem de sujeitar-se às condições do momento, tendo sempre em mira as perspectivas do futuro. Mesmo assim, houve vários incidentes entre



ele, comandante da Legião Judaica, e o comandante inglês. O comandante inglês não podia conformar-se com o fato de um judeu ser mais corajoso do que ele, e ainda mais, com a elevada moral dos soldados judeus, superior em muito à dos soldados ingleses. Procurava sempre rixas, mas Trumpeldor revidava com muita calma e dignidade, ameaçando-o de pedir demissão. O corpo de abastecimento era cobijado por outras brigadas inglesas e francesas, sendo que o próprio general Hamilton, por várias vezes, mencionou-o na ordem do dia. Trumpeldor era muito estimado pelos seus companheiros de luta e admirado pelos próprios ingleses; não deixava atrasar os pagamentos às famílias dos soldados judeus, e lutava contra qualquer discriminação, por parte dos «camaradas» ingleses. Um dia ele quis ir a Alexandria a fim de organi-

zar mais grupos de voluntários. Os seus soldados, porém, não lhe permitiram. Dia e noite andava vigiado, a fim de que não se fosse; os soldados sentiam nele, além de um bom camarada, um ativo coração judeu, que melhor do que ninguém os protegia contra as insidiosas maquinações britânicas.

Quase no fim da guerra a Legião é dissolvida e Trumpeldor volta à Rússia em meio à tempestade da revolução, e organiza grupos de defesa judeus contra os bandos pogromistas de toda espécie. Também pretende formar legiões a fim de que participem na conquista da Palestina, que se encontrava em poder dos turcos.

Entretanto, as condições caóticas são adversas a qualquer tentativa deste gênero; então o jovem incansável concebe uma nova idéia: a formação do Hechalutz.

Trumpeldor propaga entre a juventude o ideal de um movimento de imigração a Eretz para iniciar a sua construção na base do trabalho judeu, kvutzot e fazendas coletivas a fim de garantir uma ordem social de justiça, e que solucionasse também a situação econômica anormal dos judeus no Galut. Durante meses e meses Trumpeldor percorre o país de norte a sul, e prepara grupos conscientes e dispostos para ir a Eretz por todos os meios e caminhos possíveis. Muitos fizeram o seu trajeto quase todo a pé, quando não vagueavam pelos bosques e montanhas, pelos caminhos perigosos da Turquia, Síria, etc., até alcançarem a Terra prometida. Logo ao chegar, Josef se empenha na unificação do Achdut Avodá com o Poel-Hatzair, a fim de consolidar a posição do proletário e do camponês judeu.

Os pontos que ele propõe para plataforma em 1920, são os mesmos que alguns meses depois serviram de princípios para a criação da Histadrut. Infelizmente ele não alcançou em vida este acontecimento.

As instituições conjuntas que ele propôs são as seguintes:

- 1) Bureau de empregos;
- 2) Bureau de informações;
- 3) Caixa de assistência médica;
- 4) Casa de imigração;
- 5) Restaurantes proletários;
- 6) Escolas e cursos noturnos;
- 7) Caixa de empréstimos, etc.

A essa altura, no norte da Galiléia, desenrolam-se lutas constantes entre franceses e árabes. Os franceses recuam e ficam 4 colônias nossas expostas ao saque dos bandidos: Metula, Chamra, Tel-Chai e Kfar Guiladi. Trumpeldor abandona a vida pacífica do campo e segue para o norte, onde organiza a defesa das colônias. Chamra é abandonada, porque não oferece nenhuma posição de defesa. Em Tel-Chai, Trumpeldor com 40 chaverim organiza a resistência. Os ataques dos árabes são constantes e sustentados por bandos muito numerosos. Trumpeldor pede reforços, que chegam com escassez. É aconselhado a abandonar o norte, inclusive por Jabotinski. Mas o homem indomável pensa na importância desta luta, na região inteira que pode ser ganha ou perdida para o seu povo, principalmente nas possibilidades de trabalho e colonização para milhares de irmãos. E não cede. Escreve ele: «Se os Gogols e Dostoevskis vissem a coragem e audácia destes jovens, se contemplassem esses nossos pontinhos perdidos num mar de ódio e desolação, certamente a sua opinião sobre os judeus seria bem diferente».

E no dia fatídico de 21 de Adar de 1920, durante um ataque cerrado do inimigo, Trumpeldor cai ferido mortalmente. Não se queixa, nem lastima o seu fim. Ao ser conduzido na maca para Kfar Guiladi, expira essa nobre alma do grande homem, do grande e simples filho de Israel. Os seus lábios murmuram, como uma prece, como um salmo de gratidão: «Tov lamud bead artzenu» — é bom morrer pela nossa pátria.

Sim, ele morreu pela terra e pelo povo judeus. Porém algo dele ficou para sempre, algo dele vive para nós e em nós para todo o sempre. A sua epopéia, a sua simplicidade, o seu amor ao trabalho e à vida, o seu grande heroísmo silencioso, este espírito de amor e dedicação continuam hoje na geração heróica dos chalutzim, dos defensores judeus, nas planícies da Galiléia e do Shomron, nos vales e nos montes, no Emek e Kineret e no Neguev.

Hoje, felizmente, temos milhares e milhares de irmãos anônimos que poderiam também chamar-se Josef Trumpeldor. E estes são para nós o monumento vivo e eterno que aquele homem ajudou a criar para a glória do seu povo!

David



TIPOGRAFIA
E PAPELARIA

E PAPEL PARA
TODOS OS FINS

IMPRESSOS EM GERAL

TEL. 48-0163

RUA BARÃO DE IGUALEMÍ, 12-a e 12-b

(Praça da Bandeira)

RIO DE JANEIRO

chinuch-PIJH

EDUCAÇÃO

H. T.

Nesta seção que hoje iniciamos, trataremos dos problemas e formas educacionais do nosso movimento, tentando apontar as diferenças entre sistemas educacionais no galut e em Eretz Israel. Esta página será, enfim, uma tribuna aberta para todos aqueles que, no nosso movimento, se dedicam à educação, quer de crianças, quer de jovens. Esperamos que os chaverim dos outros snifim colaborem para que ela seja de fato um espelho vivo do setor educacional no Dror.



Geralmente o primeiro problema que encontra aquê que se dedica à educação e orientação de crianças e de jovens, é o seguinte: temos nós o direito de, desde cedo, quando a criança ainda não tem espírito crítico desenvolvido para discernir entre vários objetivos, quando são os pequenos detalhes que a atraem, temos então o direito de orientá-la para um fim que a nós parece o certo e único?

Sabemos que um jovem quando procura uma organização juvenil, o faz — quando não está ainda completamente esclarecido a respeito das bases ideológicas desta organização — impulsionado pela necessidade de encontrar eco para certas idéias e concepções de vida, ainda amórfas, que começam a se esboçar em sua mente e em seu espírito. Ele procura canalizar sua energia juvenil criadora para algo que lhe parece uma identificação com suas idéias, com seu próprio eu!

O mesmo não sucede, porém, com a criança. Ela não tem conceito formado nem esboçado de relação ao que a cerca, não sente inquietude nem insatisfação. Sua necessidade de convívio social pode ser perfeitamente satisfeita pela escola ou pelas brincadeiras com amiguinhos. A imaginação e o fogo são seu mundo, mundo este perfeitamente moldável pelo educador, pelo orientador e pelo ambiente no qual vive.

Tem então o orientador, o educador, o direito de moldá-lo à sua forma?

Este problema foi em geral objeto de discussão entre pedagogos, que o formulavam da seguinte maneira: educar é desenvolver simplesmente as tendências natas na criança, ou orientá-las, transformá-las na medida do possível de acordo com um determinado objetivo? Educar é um fim, ou um meio para alcançar um fim?

A tendência moderna da educação é a seguinte: a educação tem um fim, um objetivo; para este objetivo educamos as crianças empregando meios que satisfaçam plenamente as necessidades de sua idéia, meios estes que para a criança constituem um fim e através dos quais desenvolvemos tôdas as suas tendências positivas e criadoras.

E' claro que, não possuindo a criança ainda espírito crítico desenvolvido, não podemos colocá-la diante de vários caminhos sem sugerir antes qual deve seguir. Não podemos, por isso, «deixá-la educar-se por si mesma, para que, quando grande, escolha o que lhe parecer melhor». Isto é profundamente errado, pois a criança se educa através dos exemplos colhidos no meio que a cerca, e chega à adolescência e à juventude com certo cabedal de valores adquiridos e orientados. Não podemos colocar a criança diante do dilema de escolher entre um ato bom e um ato mal, sem apontar ou sugerir um destes caminhos.

Da mesma forma não podemos, ao contar-lhe uma história bíblica, dizer que há os que creem inteiramente na veracidade desta história e há os que a consideram somente o símbolo de uma época, deixando a seu critério a escolha e interpretação. Isto seria instruir, expor fatos, mas nunca educar.

FATOS E COMENTARIOS

Pouco a pouco os ingleses vão retirando as suas tropas da Palestina, as quais a O.N.U. pretende substituir com os seus próprios contingentes. Para garantir a partilha faltavam-lhe forças, mas para cobrir interesses ambíguos dá-se um jeito...

Contudo, af-al-pi-kein, muito significa a terminação do insidioso mandato britânico. Todavia, a consciência da O.N.U. deve ser menos fleugmática e mais opiante do que a britânica... Deixe desanuviar um pouco os horizontes carregados e as luzes brilharão outra vez!

PESSACH: — Mais de 3 mil anos nos separam da data em que Israel libertou-se do cativeiro egípcio. Fomos, talvez, o primeiro povo civilizado a comemorar o dia da Liberdade, pois Pessach nada mais é do que a glorificação da independência e o amor à liberdade que os nossos antepassados nos transmitiram com tanto carinho e desvelo!

Vivemos hoje uma nova versão do Exodo e da Odisséia para a Terra Prometida. A civilização progrediu aparentemente, as distâncias diminuíram e, portanto, o enorme movimento hodierno das massas que voltam a Eretz corresponde, em importância, ao primeiro êxodo e à volta de Israel a Canaã. Há, pois, algo de fantástico e inverossímil neste fenómeno histórico! Fantástico para alemães, ingleses e pogromistas europeus; inverossímil para nós, e também confortador, pois, além do tradicional Vehi Sheamda, já estamos alcançando a concretização de um sonho milenar: Leshana Habá Birushalaim — no próximo ano em Jerusalém...

Enquanto nós vamos a Eretz para redimir a terra e construir, a Liga Árabe empenha-se religiosamente na continuação da «guerra santa». Os séculos de

Continua na pag. 23

Inscreva-te como sócio contribuinte da

Liga pró Eretz Israel Obreira!

Contribua para a campanha da

HISTADRUT!



A intra-agressividade nos grupos minoritarios

Por ELIEZER SCHNEIDER

Entre todas as minorias (nacionais, raciais ou religiosas) costuma-se encontrar, com uma frequência significativa, a presença de certos traços psicológicos que as distinguem dos grupos majoritários. Não se trata de exclusividade nesses característicos. Eles são apenas mais encontrados nas minorias, mas existem no seio de quaisquer grupos, são traços humanos cuja frequência é maior entre os indivíduos mais frequentemente sujeitos a certas condições de vida. Uma pessoa vivendo num ambiente no qual oficialmente não há qualquer discriminação, poderá, não obstante, sentir-se como membro, ou do grupo majoritário, ou do grupo minoritário, pelo simples fato de tomar conhecimento várias vezes de «slogans», atitudes e restrições verbais, exprimindo uma discriminação latente. O sentimento de pertencer a um grupo é, em tais casos, um tanto vago e geralmente não verbalizado, não consciente. Em alguns indivíduos, porém, ele se torna altamente consciente, o que os leva a exercer uma influência educativa sobre os demais, transmitindo-lhes a mesma intensidade com que sentem a referida discriminação.

Entre os judeus tem sido amplamente observado um acentuado grau de intra-agressividade como também de inter-agressividade. A intra-agressividade se refere à hostilidade contra o grupo em geral e suas diversas manifestações culturais. A inter-agressividade representa as variadas formas de comportamento agressivo apresentadas por indivíduos em suas relações com outros indivíduos.

É necessário que o leitor atente bem que em linguagem psicológica o termo agressividade não é usado com o sentido limitado de ato físico da linguagem comum. O sarcasmo, a ironia, a indiferença, a maledicência, o «espírito de contração», o negativismo, a atitude crítica, sistemática ou não, etc., são também formas de agressão. Várias formas de «intra-agressividade» podem ser apontadas como frequentes entre judeus. Há a hostilidade extremada de judeu declaradamente anti-semita. Há o que se manifesta pela assimilação por motivos de conveniência prática ou por um pseudo-liberalismo. Nessa atitude a hostilidade se disfarça numa fuga do grupo rejeitado. Nem todos os assimilados incluem-se nessa categoria de intra-agressividade. Muitos se assimilam naturalmente sem jamais ter sentido qualquer identificação com o grupo judaico. Outro grupo intra-agressivo é o de indivíduo identificado com o seu grupo, mas que vive criticando suas tradições, costumes, empreendimentos, organizações e instituições sociais e culturais, etc. Quase todos nós conhecemos pessoas enquadradas em cada uma dessas classificações. Um bem conhecido tipo de intro-agressivo é o daquele que assume atitudes ideológicas liberais e avançadas para justificar sua hostilidade a certas manifestações e empreendimentos genuinamente judaicos. Esse tipo em geral se declara como judeu e participa ativamente na vida judaica, mas apenas no que, cultural e politicamente, tiver um cunho mais universal do que judaico. Longe estamos de pretender que todos os liberais e avançados cejam desse tipo. Muito pelo contrário, apenas os mal ajustados e confusos «liberais» e «progressistas». Os mais sadios e esclarecidos, mesmo que tendam para a assimilação não seriam necessariamente intra-agressivos, e muitos estão tão identificados com o grupo judeu que o seu «liberalismo universalista» mal aparece.

Essas formas de intra-agressão que descrevemos acima aplicam-se aos grupos minoritários integrados no majoritário, e não a grupos fechados, cercados e oprimidos. Nestes poderá haver uma grande inter-agressividade ao lado de manifestações escassas de intra-agressividade. A unidade e identificação no grupo seria grande, mesmo havendo irritabilidade e atrito entre os indivíduos. Não há hoje país nenhum sem minorias integradas (as que não sofrem discriminação oficial). Quanto a minorias fechadas e perseguidas, não há país muçulmano algum que não as tenha, e, infelizmente, apesar de todas as escusas, isto se verifica também em países cristãos apesar de não tão abertamente.

HISTADRUT

(Continuação do número anterior)

ESTRUTURA

O nome por extenso da Histadrut é: «Histadrut Haclalit Haovdim Haivrím Beeretz Israel»: Organização Geral dos Trabalhadores Hebreus em Eretz Israel, e aspira a reunir em seu meio todos os operários de Eretz sem exceção. De acordo com seus estatutos, pode pertencer a ela toda pessoa, maior de 18 anos que não explore trabalho alheio. A filiação a ela é independente de qualquer posição política. Agrupa na atualidade 70% dos trabalhadores judeus em Eretz, porcentagem que não tem correspondente em qualquer outro país.

Dentro da Histadrut existem partidos, porém ela não é uma federação de partidos. A Histadrut está baseada na filiação direta e individual.

Vejamos agora qual é sua estrutura: o primeiro agrupamento é o «Comité Operário» (Vaad Hapoalim), que os operários de uma determinada empresa (fábrica, banco, sociedade pública, etc.) se reúnem e elegem por votação.

O segundo é constituído pelo «Sindicato Gremial» (Aguda Miktzvit), que compreende todos os operários de um determinado ofício em uma cidade ou aldeia.

O terceiro agrupamento é o «Conselho de Operários» (Moatzot Hapoalim), que é a suprema instância de toda a comunidade operária em uma cidade ou aldeia. Ela dirige todos os sindicatos gremiais e os assuntos atinentes de caráter econômico, cultural, municipal, etc. É eleito por votação direta e proporcional e não por representação dos diferentes sindicatos.

Como quarto agrupamento temos os vários organismos territoriais. Se bem que a maioria esteja organizada em conselhos das respectivas cidades ou aldeias não possuindo centrais territoriais, existem algumas que centralizam todos os trabalhadores ocupados em um ofício ou em um ramo da economia. A mais importante destas organizações territoriais é a «Organização Agrícola» (Histadrut Chaclait), que centraliza todos os operários das Kvutzot, moshavim e kibutzim, que em princípio de 1947 alcançava a 60 mil operários. Seu organismo executivo é o «Centro Agrícola» (Mercaz Chaclait), eleito pela convenção agrícola. Segue em importância a «Organização de Empregados» (Histadrut Hapkidim), que abrange todos os empregados de associações particulares e públicas, bancos, comércio, etc.

- 3) a de ferroviários, correios e telégrafos;
- 4) a organização de engenheiros, arquitetos e agrimensores;
- 5) a de construções
- 6) a organização dos trabalhadores em diamante.

As instâncias superiores em que se organiza a Histadrut são:

- a) Convenção da Histadrut (Veidat Histadrut), que se reúne cada dois ou três anos e elege
- b) o Conselho da Histadrut (Moatzat Histadrut), que dirige as atividades no período entre duas convenções e que por sua vez escolhe
- c) um executivo (Vaad Hapoel).

SUA COMPOSIÇÃO

No início a Histadrut contava com 4.333 integrantes, e até o presente o número de seus membros aumento 38 vezes.

Os ramos principais em que se dividem os trabalhadores organizados são:

Agricultura	27%
Indústria e artesanato	26,4%
Construções e obras públicas	10,6%
Transportes	6%

ORGANIZAÇÃO DA PROFISSÃO DE ENGENHARIA

O proposto acôrdo entre a União de Engenheiros, Arquitetos e Agrimensores e a Associação dos Engenheiros e a dos Arquitetos, foi aprovada pela União na sua X Conferência Geral, realizada em Tel-Aviv na última semana...

Baseado neste acôrdo, as Associações dos Engenheiros e dos Arquitetos se tornarão um órgão geral, representando todos os engenheiros da Palestina, e suas atividades serão de um caráter cultural-profissional (trabalho científico e de pesquisas, etc.). A União dos Engenheiros, Arquitetos e Agrimensores filiada à Histadrut unirá todos os que trabalham como empregados nesta profissão e cuidará de todos os assuntos referentes a seus salários, condições de trabalho, etc. Os que são presentemente membros desta União, juntar-se-ão também à Associação Geral, enquanto que os membros da Associação que são empregados, juntar-se-ão igualmente à União.

Comentando esta proposta amalgamação organizacional em suas colunas, o editorial, o «Davar» — diário da Histadrut — disse que «isto é um passo de grande significação para as profissões da Engenharia e aliadas, e presagia o despertar da potencialidade técnica do Yshuv na aurora do estabelecimento do Estado Judeu, e da expansão da construção e indústria».

NOVOS SINDICATOS FORMADOS

Foi proposta recentemente a fundação de 3 novos sindicatos abrangendo todo o país, dentro da estrutura da Histadrut, quando representantes de trabalhadores em alimentos, padarias e trabalho de madeira reuniram-se em Tel-Aviv em suas conferências inaugurais. Isto representa um passo importante no desenvolvimento organizacional dos trabalhadores industriais da Palestina. Além do número total de 175.000 membros da Histadrut, há 125.000 assalariados, dos quais um total de 90.000 são trabalhadores (em adição àqueles pertencentes à Organização dos Trabalhadores na Agricultura). Anteriormente à VI Convenção Geral da Histadrut (em 1945, quando a formação de sindicatos abarcando todo o país foi decidida) havia 19.000 membros da Histadrut organizados em organizações profissionais de todo o país — trabalhadores clericais e empregados dos Serviços de Estradas de Ferro, Correios e Telégrafos. Durante os três anos intermediários novos sindicatos nacionais foram estabelecidos nos seguintes setores de emprego: construções, empreendimentos industriais da Histadrut, tipografia, lapidação, enfermaria e ensino (membros da Histadrut). Junto com os três novos sindicatos (alimentos, padaria e trabalhadores de madeira), estes sindicatos reúnem cerca de 24.000 trabalhadores. Outros 15.000 serão incluídos nos três sindicatos que serão estabelecidos neste mês (trabalho em metal, manufatura de materiais de construção e têxteis).

IMPrensa ISRAELITA

Redação e Administração
R. Conselheiro Josino, 26
Tel. 32-2976
Rio de Janeiro

אידישע פרעסע

FUNDADA EM 1930 - פראגעסיווע יידישע צייטונג אין בראזיל -

KEREN HAYESSOD

Continuação da página 10

mento da imigração e colonização, pois é evidente que após a chegada de imigrantes, torna-se necessário o estabelecimento destes, e, mais ainda, o fornecimento de meios para que eles se tornem produtivos.

É necessário, pois, financiar o estabelecimento deles em terras que o Keren Kaiemet adquire, bem como empréstimos para a sua manutenção inicial e aquisição de maquinaria agrícola. Por outro lado, o Keren Hayessod faz empréstimos para a instalação de empresas, que criam possibilidades de trabalho industrial para os imigrantes que não se adaptam ao trabalho campestre.

Uma característica interessante dos empreendimentos do Keren Hayessod, é que esses são feitos através de empréstimos, em vez de doações, o que traz como vantagem o seguinte:

1º) O indivíduo, ou grupo de indivíduos, que receber o empréstimo, tem

noção que deverá trabalhar muito para pagá-lo, enquanto uma doação poderia levar a um certo relaxamento, prejudicial a si e à coletividade;

2º) A reserva de capital com que o governo do Estado Judeu contará, aumenta cada dia com novas contribuições, sem diminuir através de seus empreendimentos, o que lhe possibilitará, cada vez mais, financiar novos empreendimentos, os quais elevarão o «standard» de vida.

Falando-se do Keren Hayessod, não poderíamos deixar de lembrar uma destacada figura que infelizmente desapareceu em consequência da política nefanda que a potência mandatária tem levado a cabo em Eretz.

É ele Leib Yaffe, poeta judeu, verdadeira alma do Keren Hayessod, e que foi morto na explosão recentemente ocorrida no edifício da Agência Judaica.

Que o seu exemplo de amor e dedicação sirva de guia a todos os judeus, pois assim melhor honraremos sua memória.

CHINUCH

Continuação da pag. 25

Entra então em fogo a orientação subjetiva do educador, que, sem dúvida, influenciará o educando. Quando chegar então a fase de procura e inquietude deste, ele fará uma revisão dos valores adquiridos e definir-se-á então, quer baseando-se nos mesmos, quer revolucionando-os.

Transportando isto tudo para o ambiente e linguagem do nosso movimento, concluímos: Nossa educação, no Dror, tem um objetivo definido — o chaltuzianismo. Para este objetivo devemos usar métodos específicos para cada «shichvá», constituindo assim um fim, isto é, a própria vida, e não apenas uma preparação para a vida. Procuramos, dentro destes métodos, desenvolver as tendências positivas e construtivas do indivíduo, reconduzindo-o ao caminho da naturalidade e espontaneidade, libertando-o daqueles valores adquiridos na sociedade burguesa em que vivemos, reconduzindo-o a si mesmo, ao trabalho, ao seu povo.

Temos consciência deste objetivo, que será alcançado através das etapas e que conduzirá o educando a HAGSHAMÁ ATZMIT.

A ETERNA JERUSALÉM

Continuação da pag. 14

povo estão escrevendo mais uma página gloriosa da História.

Jerusalém, a Cidade Santa, a quem tantos povos e nações devem muito da sua formação moral e espiritual, continua sendo para nós o símbolo da elevação humana e da libertação do homem-instinto, ela é ainda o solo sagrado, onde os nossos valorosos combatentes vindos dos ghettos e dos campos de concentração, das terras livres e dos reinos déspotas e progromistas de todos os matizes:

Nunca mais! Nunca mais cederemos quanto aos nossos direitos humanos, e ao direito à Vida!!!

Esta é mais uma lição de bravura e de dignidade, de força moral e elevação que a Jerusalém Judia transmite ao mundo perplexo.

Confiamos ainda em que os homens livres e dignos desta terra profanada encontrem a tempo o caminho justo para a salvaguarda da paz, e do verdadeiro sentimento de fraternidade humana.



Jovem Judeu aguarde dentro de poucos dias a proclamação da Campanha Juvenil **KOL HAADAMA**

O objetivo desta campanha é a redenção do Neguev que é agora mais do que nunca, o fator principal do Estado Judeu.

LEIAM O

JORNAL ISRAELITA

a venda em todas as bancas da cidade

*Num minuto de espera
— Um negócio se perde...*

*...e quantos negócios perde V. S. para adquirir
sua passagem ou remeter sua encomenda?...*

*Compre sua passagem e envie sua encomenda
como, quando e para onde quiser,
servindo-se das inúmeras vantagens que lhe oferece a*

Agência Brasil "STAR"

Av. Venezuela, 27-5.º and. ★ Tels.: 43-3930 e 43-9690

STAR — com rapidez e segurança de domicílio a domicílio.